

**CONCURSO PÚBLICO PARA PROVIMENTO DE CARGOS DA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
PREFEITURA MUNICIPAL DE MARICÁ
EDITAL SEMED Nº 1/2024**

RESPOSTAS AOS RECURSOS – Nível Superior

TÓPICOS:

Língua Portuguesa - Geral

Fundamentos da Educação

Conhecimentos Específicos

Cargo: Docente I

| Nº da Questão | Opção de resposta por extenso | Parecer da Banca | Deferido ou Indeferido | Questão anulada ou Opção de Resposta correta |
|---------------|--|---|------------------------|--|
| 01 | (E) reduz a escravidão a uma condição imposta, evitando tomá-la como característica inata aos negros | “Escravizado”, segundo o Dicionário Aurélio, significa “reduzir à condição de escravo; tornar escravo”, diferentemente de “escravo”, que significa “que está sujeito a um senhor, como propriedade dele”. Em outras palavras, utilizar a palavra “escravizados” no lugar de “escravos” reforça que essa condição foi imposta aos negros durante o período da escravidão no Brasil e que não se trata de um aspecto inerente ao negro. O fato de “escravizados” ser um nome (que pode ser usado como substantivo, ou como adjetivo) oriundo da forma do particípio do verbo “escravizar”, empregada na voz passiva, como em “os negros foram escravizados”, implica a função de sujeito paciente, alvo da ação, aos negros, a quem se refere o vocábulo. | Indeferido. | (E) |

| | | | | |
|----|---|--|-------------|-----|
| | | <p>A alternativa <i>substitui o termo “escravos” em função do estilo do texto, evitando repeti-lo desnecessariamente</i> não está correta, porque a utilização do termo não se deu por mero estilo, mas por uma motivação semântica. Também é incorreto dizer que a palavra foi preferida porque <i>comprova a sinonímia que estabelece com “quilombolas”, evitando confundir com “escravos”,</i> pois não é sinônima de “quilombolas”, que se refere especialmente aos negros escravizados que se refugiavam em quilombos. A opção <i>indica unicamente os escravos trazidos da África, evitando referir àqueles nascidos no Brasil</i> também está errada porque a diferença entre “escravizados” e “escravos” não diz respeito à origem dos negros. Não se pode considerar correta a alternativa <i>pretende apontar apenas para os escravos fugitivos, evitando igualá-los aos bem ambientados,</i> pois somente “quilombolas” pode ter esse sentido, e não “escravizados”, que designa todo negro submetido à escravidão.</p> | | |
| 02 | (C) o trecho I é narrativo e o II, expositivo | <p>Observação: o enunciado da questão trata apenas dos <u>trechos</u> destacados, e não do texto como um todo.</p> <p>Segundo Luiz Antônio Marcuschi, em “Produção textual, análise de gêneros e compreensão” (São Paulo: Parábola Editorial, 2008, p. 154), o tipo textual “designa uma espécie de construção teórica {em geral uma sequência subjacente aos textos} definida pela natureza linguística de sua composição {aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas, estilo}.” Nesse sentido, mostra-se coerente afirmar que recursos linguísticos utilizados em um texto, ou em <u>trecho</u> dele, podem indicar a tipologia dominante. No livro citado, o linguista menciona os tipos <i>narrativo, argumentativo, expositivo, descritivo e injuntivo</i>.</p> <p>O trecho I, “No início do século XIX, escravizados fugitivos das fazendas próximas à Freguesia de Santa Maria de Maricá, atual cidade de Maricá, organizaram um quilombo nas matas da região”, quanto à estrutura, é narrativo, pois relata ações</p> | Indeferido. | (C) |

| | | | | |
|--|--|--|--|--|
| | | <p>“organizaram um quilombo nas matas da região”), realizadas por actantes (“escravizados fugitivos das fazendas próximas à Freguesia de Santa Maria de Maricá, atual cidade de Maricá”), no passado, como fato ocorrido e concluído, inserido no tempo (“no início do século XIX”) e no espaço (“nas matas da região”).</p> <p>Essa ideia é corroborada pela afirmação de Evanildo Bechara (<i>Bechara para concursos</i>. Portuguese Edition. p. 766. Nova Fronteira. Edição do Kindle): “A narração é a forma de composição que consiste no relato de um fato real ou imaginário.”</p> <p>Já o trecho II, “Os quilombos eram respostas às severas condições impostas aos escravizados. As incursões de tropas e de capitães-do-mato poderiam pôr fim a algumas comunidades, mas, enquanto o sistema escravocrata os explorasse, a resposta viria cada vez mais violenta”, quanto à estrutura, é expositivo, já que desenvolve um tema de forma objetiva (“Os quilombos eram respostas às severas condições impostas aos escravizados”), explicando-o. São apresentados fatos, empregando o futuro do pretérito do indicativo, que indica hipóteses (“poderiam pôr fim”; “a resposta viria cada vez mais violenta”) e o operador argumentativo “mas” (“As incursões de tropas e de capitães-do-mato poderiam pôr fim a algumas comunidades, <u>mas</u>, enquanto o sistema escravocrata os explorasse, a resposta viria cada vez mais violenta”), recursos próprios de um texto de base expositiva-dissertativa. A intenção desse trecho é, portanto, dar explicações, enquanto a do primeiro é apenas contar um acontecimento.</p> <p>Essa ideia converge para o que defende Evanildo Bechara (<i>Bechara para concursos</i>. Portuguese Edition. p. 767). Nova Fronteira. Edição do Kindle): o discurso expositivo “consiste numa apresentação, explicação, sem o propósito de convencer o leitor. Não há intenção expressa de criar debate, pela contestação de posições contrárias às nossas.”</p> | | |
|--|--|--|--|--|

| | | | | |
|--|--|--|--|--|
| | | <p>Vale destacar que o tipo <i>argumentativo</i> e o <i>expositivo</i> são manifestos nos textos pelos mesmos recursos linguísticos (por exemplo, no caso em tela, pelo emprego do “mas”, operador argumentativo por excelência). O que os diferencia é justamente, na argumentação, o engajamento do enunciador na defesa de uma opinião (subjetivamente), ou, na exposição, a apresentação de dados e explicações (objetivamente).</p> <p>Othon Moacir Garcia, em “Comunicação em prosa moderna” (Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 2010, p. 370), explica ser a dissertação apenas “momentos” da argumentação (e a <i>dissertação</i> corresponde à <i>exposição</i>, como explicado em <i>Para entender o texto: leitura e redação</i>, de Platão e Fiorin, São Paulo, Editora Ática, 2000, p. 298: “Dissertação é o tipo do texto que analisa e interpreta dados da realidade por meio de conceitos abstratos”). Em outras palavras, considerando-se que o tipo <i>expositivo</i> pode ser compreendido como uma face do <i>argumentativo</i>, entende-se que o expositivo está contemplado no edital do concurso, que prevê os tipos <i>narrativo</i>, <i>descritivo</i>, <i>argumentativo</i> e <i>injuntivo</i>.</p> <p>A opção <i>ambos os trechos são narrativos</i> está, então, incorreta, porque o segundo é expositivo, assim como está errada <i>ambos os trechos são argumentativos</i>, pois não têm como intenção principal defender uma opinião. A alternativa <i>o trecho I é descritivo e o II, narrativo</i> está igualmente equivocada porque o trecho I não se presta a identificar e qualificar seres ou lugares, mas a relatar ações, além de o trecho II, como já explicado, não ser narrativo. Também a alternativa <i>o trecho I é expositivo e o II, argumentativo</i> não pode ser considerada correta porque o trecho I só apresenta fatos, sem explicá-los, e o trecho II, como já foi mencionado, não defende um ponto de vista; apenas explica algo.</p> | | |
|--|--|--|--|--|

| | | | | |
|----|--|--|-------------|-----|
| 03 | (B) No ano de 1814, emitem-se ordens para destruir o quilombo. | <p>A voz passiva sintética ou pronominal é expressa com o pronome apassivador “se” e uma terceira pessoa verbal, singular ou plural, em concordância com o sujeito. É exatamente o que ocorre na opção selecionada, em que se apresenta o verbo no presente do indicativo (em consonância com o tempo verbal da oração do enunciado da questão, na voz passiva analítica) e, no plural, para concordar com o sujeito passivo (“ordens), seguido do pronome apassivador.</p> <p>O enunciado <i>No ano de 1814, emite-se ordens para destruir o quilombo</i> está incorreto, já que não se faz a concordância do verbo com o sujeito (verbo no singular – “emite-se” - e sujeito – “ordens” - no plural) segundo a norma padrão. Igualmente incorreto está o enunciado <i>No ano de 1814, emitiu-se ordens para destruir o quilombo.</i>”, porque, além de não ocorrer, também, a concordância, o verbo está no pretérito perfeito do indicativo, não se mantendo, portanto, o tempo verbal da oração do enunciado da questão, o presente do indicativo (o que é obrigatório). A opção <i>No ano de 1814, emitiram-se ordens para destruir o quilombo.</i>, por apresentar, também, o verbo no pretérito perfeito do indicativo está incorreta e, finalmente, a opção <i>No ano de 1814, foram emitidas ordens para destruir o quilombo.</i> está errada por apresentar uma construção de passiva analítica (verbo auxiliar “ser” e o particípio do verbo que se quer conjugar) no pretérito perfeito do indicativo.</p> | Indeferido. | (B) |
| 04 | (D) separar o adjunto adverbial antecipado na frase | <p>A vírgula marca uma pausa de pequena duração e é usada, no caso em análise, para separar o adjunto adverbial de tempo anteposto, ou seja, deslocado de sua colocação prototípica, ao final do enunciado. Tal antecipação presta-se, também, para realçar o adjunto adverbial – de tempo, no caso –, deslocado à esquerda, na posição de tópico.</p> | Indeferido. | (D) |

| | | | | |
|----|--|---|-------------|-----|
| | | Portanto, é descabida a opção <i>isolar o aposto referente a tempo</i> , pois não há aposto, e sim, adjunto adverbial; igualmente incorreta é a opção <i>realçar o adjunto adverbial de lugar</i> , uma vez que o adjunto adverbial é <u>de tempo</u> , e não <u>de lugar</u> . A opção <i>separar elementos da mesma função sintática</i> está igualmente errada, já que não há termos com a mesma função sintática. Por fim, a opção <i>indicar a supressão de um verbo</i> não se mantém, pois não há elipse de verbo no enunciado em análise. | | |
| 05 | (A) é impessoal | De acordo com a norma padrão, o verbo “haver” na acepção de “existir” é impessoal, caracterizando um dos casos de sujeito inexistente. Assim, não tem cabimento a opção <i>concorda com o sujeito</i> , já que não há sujeito na oração. Também está errada a opção <i>age como verbo de ligação</i> , pois o verbo “haver” não é de ligação, mas transitivo direto. Embora seja transitivo direto, essa não é a causa de o verbo estar na 3ª pessoa do singular, mas sim, a sua impessoalidade, por conseguinte, a opção <i>é transitivo direto</i> está também errada. Igualmente errada é a opção <i>indica ação passada</i> , uma vez que, muito embora o verbo indique um fato passado, por estar no pretérito perfeito do indicativo, essa não é a razão de o verbo estar na 3ª pessoa do singular, e sim, como já dito, a sua impessoalidade. | Indeferido. | (A) |
| 06 | (C) “Houve muitas formas de resistir no Brasil, <u>portanto</u> , as fugas e a formação de comunidades pretas eram as que mais ameaçavam as autoridades locais.” | A opção que altera o sentido do enunciado é a que apresenta um conectivo conclusivo (“portanto”), já que as demais opções estão a serviço do mecanismo sintático-semântico da contra expectativa (adversidade/concessão). Tanto as orações adversativas quanto as concessivas expressam a relação semântica de contra expectativa. Assim, o conectivo “mas”, conjunção coordenativa adversativa, que aparece na oração do enunciado da questão, veicula contra expectativa, bem | Indeferido. | (C) |

| | | | | |
|--|--|--|--|--|
| | | <p>como as demais conjunções adversativas, como ocorre nas opções: <i>Houve muitas formas de resistir no Brasil, <u>no entanto</u>, as fugas e a formação de comunidades pretas eram as que mais ameaçavam as autoridades locais.</i> e <i>“Houve muitas formas de resistir no Brasil, <u>entretanto</u>, as fugas e a formação de comunidades pretas eram as que mais ameaçavam as autoridades locais.</i> As opções introduzidas por conjunções ou locuções conjuntivas concessivas também expressam o mesmo mecanismo semântico de contra expectativa, apenas com a diferença de que há uma estratégia de antecipação que já prepara o interlocutor para a negação do argumento, como é o caso das opções: <i><u>Embora</u> houvesse muitas formas de resistir no Brasil, as fugas e a formação de comunidades pretas eram as que mais ameaçavam as autoridades locais.</i> e <i><u>A despeito de</u> haver muitas formas de resistir no Brasil, as fugas e a formação de comunidades pretas eram as que mais ameaçavam as autoridades locais.</i>, iniciadas por conectivos concessivos.</p> <p>O comando da questão é bastante claro: “Assinale a opção em que a substituição do conectivo sublinhado – “mas” – ALTERA o sentido do enunciado.</p> <p>Trata-se tão somente de uma questão de mudança de significado, e não de alteração na colocação dos conectores, o que, inclusive, não interfere, de forma alguma, na resolução da questão.</p> <p>Para responder corretamente, basta observar qual enunciado traz uma significação diferente da de contraexpectativa, que é característica do conectivo “mas”, não tendo a menor importância a ordem de colocação dos conectivos no texto, nem as mudanças sintáticas decorrentes dessas construções.</p> <p>Também não se pode dizer que esse “mas” tenha valor aditivo, correspondente a “e” ou a “além disso”. E isso porque as orações com a conjunção “mas” apresentam sempre uma terceira asserção implícita, consequência natural da primeira oração (chamada “asserção de base”). Assim, por exemplo, em “Estava</p> | | |
|--|--|--|--|--|

| | | | | |
|----|-----------|---|-------------|-----|
| | | <p>chovendo, mas não levei guarda-chuva”, a terceira asserção implícita, consequência natural da primeira oração “Estava chovendo”, é que “se estava chovendo”, seria de se esperar que levasse guarda-chuva, mas não levei.</p> <p>Em “Houve muitas formas de resistir no Brasil, mas as fugas e a formação de comunidades pretas eram as que mais ameaçavam as autoridades locais.”, processa-se o mesmo raciocínio: se houve muitas formas de resistir no Brasil, seria de se esperar que “as fugas e a formação de comunidades pretas não fossem as que mais ameaçavam as autoridades locais, mas eram as que mais ameaçavam, o que ratifica o valor adversativo do “mas”.</p> <p>Percebe-se, claramente, portanto, o movimento sintático-semântico de contraexpectativa no trecho em análise.</p> | | |
| 07 | (E) tempo | <p>A oração reduzida de infinitivo “ao obterem sucesso sobre os quilombolas”, no período “Os soldados, <u>ao obterem sucesso sobre os quilombolas</u>, queimavam suas roças, casas e os capturavam”, ao ser “desenvolvida”, tem a seguinte estrutura: “Os soldados, <u>quando obtinham sucesso sobre os quilombolas</u>, queimavam suas roças, casas e os capturavam.”, expressando, portanto, a circunstância de TEMPO.</p> <p>Destaca-se que o conector temporal “quando” tem valor semântico mais amplo que os demais conectivos temporais, abrangendo as noções de tempo anterior, posterior, simultâneo, iterativo, daí encabeçar a lista das conjunções subordinativas temporais nas gramáticas da Língua Portuguesa.</p> <p>Por conseguinte, estão incorretas as opções <i>condição</i>, <i>causa</i>, <i>conformidade</i> e <i>concessão</i>.</p> <p>Observando o período: “Os soldados, ao obterem sucesso sobre os quilombolas, queimavam suas roças, casas e os capturavam”, percebe-se nitidamente a ideia temporal, pois as ações se sucedem na linha do tempo. Dessa forma, sem nenhuma ambiguidade, a leitura do texto não</p> | Indeferido. | (E) |

| | | | | |
|----|---|--|-------------|-----|
| | | <p>induz a uma interpretação causal, já que não é porque obtinham sucesso sobre os quilombolas é que queimavam suas roças, casas e os capturavam. Com efeito, não há uma relação de causa/consequência no período em análise.</p> <p>A opção “conformidade” também é inaceitável, pois não agiam em conformidade a algo, assim como inaceitável também é a opção “condição”, uma vez que não há a presença de uma condição que justifique uma ação, ou seja, “obter sucesso” não é condição para a ação dos soldados. Finalmente também não se pode aceitar a alternativa “concessão”, já que não ocorre um movimento sintático- semântico de quebra de expectativa no trecho em tela.</p> <p>Dessa forma, a leitura/compreensão do texto induz clara e unicamente à expressão da ideia de tempo, sob pena de se alterar completamente o sentido original do período.</p> | | |
| 08 | (A) catafórica e se refere ao enunciado “a comunicação pelo idioma guarani” | <p>No mecanismo de coesão textual por catáfora, referenciam-se elementos que serão apresentados posteriormente no texto, ou seja, o referente é antecipado, isto é, aparece depois do item coesivo. É exatamente o que ocorre no caso em análise, em que “a tradição milenar” é explicitada <i>a posteriori</i>: “a comunicação pelo idioma guarani”.</p> <p>Está, portanto, incorreta a opção <i>anafórica e se refere ao enunciado “Escolas indígenas contam com ensino bilíngue Português-Guarani (Subtítulo)”</i>, pois não ocorre anáfora, remissão a algo já dito; além disso, “tradição milenar” não se refere ao enunciado “Escolas indígenas contam com ensino bilíngue Português-Guarani”. As opções <i>hiponímica e se refere ao enunciado “A aldeia Mata Verde Bonita, construída no início de 2013...”</i> e <i>hiperonímica e se refere ao enunciado “... a língua portuguesa é usada na comunicação com a população de fora,...”</i> estão igualmente erradas, pois não há uma relação de hiponímia (elemento/todo) e de hiperonímia (todo/elemento) e, tampouco, os enunciados apontados se referem à “tradição milenar”. Finalmente, está igualmente incorreta a opção <i>coesiva e se refere ao enunciado “... o ensino da língua de seu povo também nas escolas estimula o aprendizado e o interesse das crianças</i></p> | Indeferido. | (A) |

| | | | | |
|----|--|--|-------------|-----|
| | | <i>indígenas para outros assuntos...</i> ”, uma vez que a relação coesiva existe em todos os enunciados e não apenas nesse, além de o enunciado “... o ensino da língua de seu povo também nas escolas estimula o aprendizado e o interesse das crianças indígenas para outros assuntos...” não se referir a “uma tradição milenar”. | | |
| 09 | (B) derivação por prefixação; composição por justaposição; derivação por sufixação | <p>Em “bilingue”, há o acréscimo do prefixo “bi” à base; em “tupi-guarani”, observa-se o processo de composição por justaposição, em que dois radicais se unem, conservando a sua integridade formal e, em “Itaipuaçu”, ocorre a derivação por meio do sufixo “-açu”.</p> <p>O vocábulo “Itaipuaçu”, topônimo de origem indígena, é formado pela adjunção do sufixo -açu (ideia de grande) à base “Itaipu”. A análise morfológica deve ser feita levando-se em consideração o estado atual da língua (corte sincrônico), e não aspectos históricos, diacrônicos. Cabe ressaltar que não há necessidade de se conhecer a língua tupi-guarani para responder à questão, elaborada segundo o padrão morfológico atual da Língua Portuguesa. Ratificam a classificação do elemento mórfico -açu como sufixo as palavras de Evanildo Bechara, em sua <i>Moderna Gramática da Língua Portuguesa</i> (2019), quando, ao tratar de casos de emprego do hífen, diz: “(emprega-se o hífen) nos vocábulos formados por sufixos que representam formas adjetivas, como - <i>açu</i>, <i>guaçu</i> e <i>mirim</i>, quando o exige a pronúncia e quando o primeiro elemento acaba em vogal acentuada graficamente: <i>andá-açu</i>, <i>amoré-guaçu</i>, <i>anajá-mirim</i>, <i>capim-açu</i> etc.” (p.101)</p> <p>No vocábulo “bilingue”, portanto, não ocorre a <i>derivação por meio de sufixo</i>, tampouco a <i>derivação parassintética</i>, em que sufixo e prefixo são acrescentados simultaneamente à base, como também não acontece a <i>derivação imprópria</i>, em que há mudança da classe gramatical da palavra e, tampouco, a <i>derivação prefixal</i></p> | Indeferido. | (B) |

| | | | | |
|----|--|---|-------------|-----|
| | | <p>e <i>sufixal</i>, quando o prefixo e o sufixo são acrescentados à base do vocábulo primitivo.</p> <p>Em relação ao vocábulo “tupi-guarani” não se pode falar em formação por <i>amalgama lexical</i> ou <i>cruzamento vocabular</i>, pois não ocorre a fusão arbitrária de dois lexemas, “com finalidade expressiva e circunstancial” (AZEREDO, <i>Gramática Houaiss da LP</i>, 2008, p.446); tampouco ocorre a <i>composição por aglutinação</i>, já que não há perda da integridade silábica dos vocábulos, nem a sua subordinação a um único acento tônico. Por fim, não ocorre, também a <i>formação por sigla</i>, em que se empregam as iniciais das palavras na constituição do nove vocábulo.</p> <p>Finalmente, quanto à palavra “Itaipuaçu”, não cabe a classificação de <i>derivação por prefixação</i>, pois ocorre a derivação por sufixação; também está incorreta a opção <i>derivação regressiva</i>, que resulta na criação de substantivo deverbal, com redução da palavra derivante; tampouco cabe falar em <i>derivação imprópria</i>, porque não há mudança da classe gramatical do vocábulo e, muito menos, em <i>derivação parassintética</i>, uma vez que não ocorre a adjunção simultânea de prefixo e de sufixo.</p> | | |
| 10 | (D) uma charge construída com base na relação intertextual | <p>O texto em questão é uma charge, que se constitui de imagens e palavras, incluindo a representação de um cartaz em um poste, em uma área urbana (representada pelas construções ao fundo), à guisa de um anúncio, ou propaganda. Como charge, a principal intenção do texto é fazer uma crítica a um tema da atualidade, no caso, o fato de as publicações realizadas nas redes sociais da internet provocarem, muitas vezes, a dissolução de relações pessoais. O sentido da charge é construído exatamente na sobreposição da parte verbal – “Afasto a pessoa amada em 3 postagens. Acesse já! as redes sociais” – ao texto muito comum desse tipo de anúncio: “Trago a pessoa amada em três dias. Ligue para XXX”, configurando a intertextualidade parodística ao simular</p> | Indeferido. | (D) |

| | | | | |
|--|--|--|--|--|
| | | <p>um anúncio semelhante aos conhecidos por prometerem “trazer a pessoa amada” por meio de alguma magia, ou algo parecido.</p> <p>Não se trata, portanto de <i>um cartum construído com base na silepse de gênero</i>, porque cartuns tratam de temas menos presos à atualidade, além de não haver, no texto, silepse de gênero (não há “concordância ideológica” no texto). Também não se trata de <i>uma tirinha construída com base na ironia depreciativa</i>, já que uma tirinha, em geral, é constituída por três quadros narrativos em sequência, além de o texto não ter como base uma ironia depreciativa, pois nem diz o contrário do que significa, nem pretende depreciar alguém. A opção <i>um cartaz construído com base nos dispositivos digitais</i> está igualmente errada, visto que o cartaz que figura ali é apenas uma parte do texto, não constituindo sua totalidade significativa e, portanto, não podendo ser considerado como o gênero textual a que ele pertence, além de esse cartaz não se basear em dispositivos digitais, por figurar como um elemento material, e não virtual (digital). Da mesma maneira, está incorreto dizer que o texto <i>é uma propaganda construída com base na função metalinguística</i>, pois a propaganda lida no cartaz pregado no poste é apenas parte constitutiva da charge, que procura simular oferta de serviços “de magia”. Além disso, a função metalinguística tem como característica usar a linguagem para falar da própria linguagem, fato que não se verifica no texto.</p> | | |
|--|--|--|--|--|